



## **Português do Uruguai e Português de Missiones: língua, território e fronteira**

Portuguese from Uruguay and Portuguese from  
Misiones: language, territory and border

**Eliana Rosa Sturza\***  
UFSM

**Resumo:** *Este artigo propõe uma reflexão sobre o ato de nomear uma língua, considerando-o enquanto um gesto político. Para discutir a nomeação da língua, apresenta-se como objeto de discussão o caso do Português do Uruguai e Português de Missiones. Ambos casos, levam-nos a compreender a relação língua e território e de que modo se constituem os vínculos de pertença com o Brasil, o sentimento de nacionalidade e/ou configuração de novas identidades de falantes imigrantes ou descendentes de imigrantes brasileiros que se deslocaram e habitam, há mais de um século, as zonas fronteiriças do Uruguai e Argentina com o Brasil.*

**Palavras-chave:** *Língua, Território, Fronteira, Política.*

**Abstract:** *This article proposes a reflection on the act of naming a language, considering it as a political gesture. To discuss the naming of the language, the case of Portuguese from Uruguay and Portuguese from Missiones is presented as an object of discussion. Both cases lead us to understand the relationship between language and territory and how the bonds of belonging with Brazil are constituted, the feeling of*

*nationality and/or configuration of new identities of immigrant speakers or descendants of Brazilian immigrants who have moved and for over a century they have inhabited the border areas of Uruguay and Argentina with Brazil.*

**Keywords:** *Language, Territory, Border, Politics.*

## **1. Considerações iniciais**

Nomear uma língua é um ato político. Seja ela a dos pais (materna), a herdada dos antepassados ou da comunidade de onde viemos (a de imigração); a da nação que nos desperta o sentimento de pertença (nacional); seja aquela que se renomeia, para identificar pela língua, o território de seu domínio e os seus falantes pela sua lealdade linguística. Uma língua é levada às travessias pelos deslocamentos dos sujeitos que se obrigam cruzar as fronteiras dos estados nacionais e, em grupos, fortalecem a formação de comunidades de falantes entorno da língua que os unifica e os identifica. Neste sentido, a língua torna-se um símbolo inviolável de pertença e vincula-se, deste modo, à expressão de uma identidade cultural; a língua é, assim, a guarda afetiva e comunitária de grupos de falantes deslocados para territórios para além das fronteiras geopolíticas. Este o caso singular do Português do Uruguai e do Português de Misiones.

Para abordar sobre a nomeação dessas variedades de contato do português com o espanhol nas zonas de fronteira do Brasil com o Uruguai e com a Argentina, é necessário, antes de tudo, compreendê-las a partir da história da configuração geopolítica dessas fronteiras. No caso específico deste texto, trata-se ainda de estabelecer uma relação entre a definição das fronteiras e os processos migratórios de brasileiros levando em conta os seus deslocamentos para a ocupação e a exploração de terras para além dos limites territoriais com o Uruguai, na região norte desse país e, no caso da Argentina, na região nordeste. Tais deslocamentos, e posterior ocupação, estão relacionados aos ciclos econômicos e à necessidade de trabalho, que os empurraram para outras terras e forçaram suas errâncias.

As migrações de grupos de brasileiros para além das fronteiras nos leva a questionar sobre como em novos territórios, circundados pelo

espanhol, produziram-se novas variedades do português, já com interferências e/ou misturas com o espanhol? Outra pergunta que se coloca é como elas foram renomeadas ao permanecerem funcionando como a língua comum na comunicação entre os grupos de brasileiros. A nomeação das variedades do português, fora do território brasileiro, por novas formas nominiais de especificação do lugar, remete ao nome do território ocupado, renomeia a língua pela especificidade não só pela variedade que ali se constituiu como também porque marca politicamente a relação língua e território e a construção de novas identidades. Vale ressaltar o que Ranciére (1994, p.43) afirma sobre a relação dos nomes com a história: “um nome identifica, não classifica”.

As comunidades de falantes se organizaram após os processos de ocupação e colonização linguística transfronteiriça. A presença de brasileiros e seus descendentes em territórios localizados nas zonas de fronteira do Brasil com Argentina e Uruguai fez o português ser a língua dominante nas relações interpessoais familiares e cotidianas, sobretudo, nas colônias, nas pequenas comunidades rurais, vilarejos e cidades localizadas nas bordas dos limites geopolíticos entre esses países. As novas variedades do português aí existentes, por um lado indica-nos que já não há mais o mesmo português dos primeiros migrantes e, por outro lado, que o contato com o espanhol produziu misturas entre as línguas. Em ambos os casos, refiro-me ao Português do Uruguai e Português de Misiones, ao que na visão dos falantes são: o “Brasilero” e/ou o “Portunhol”.

Neste artigo, busco discutir a relação entre as designações - nome dado (variedades) ao que já tem nome Guimarães (2002), ou seja, a língua portuguesa do Brasil (PB) - na sua relação com o nome do território que os falantes ocupam. A identificação da presença do português como língua de comunidades de brasileiros em terras ao longo das zonas de fronteira, sobremaneira, nas de maior densidade demográfica, situadas nos países vizinhos, tem sido pesquisada por investigadores como: Rona (1965); Elizaincín, Barrios & Behares (1987); Hensey (1972); Carvalho (2003); Barrios (2014); Sturza (2004; 2019) em relação à presença do português no Uruguai. E, em relação ao português na Argentina, pesquisadores como Camblong (2002); Lipski (2017); Cassini da Maia & Méndez (2018); Cerno (2019); Daviña (2020) entre outros.

## 2. A língua portuguesa pelas bordas da fronteira

### 2.1. Português do Uruguai:

Auguste de Saint Hilaire, na obra *Viagem ao Rio Grande do Sul* (2002)<sup>1</sup>, realizada pelo botânico entre 1820 a 1821, na sua passagem por Montevidéu registra não só o uso do português e do espanhol nas conversas entre os convidados em um jantar na casa do padre Gomes, mas também como tais convidados misturam as duas línguas: “Notei que os convidados, todos portugueses, estabelecidos aqui há muito tempo misturavam bastante o espanhol em sua linguagem” (SAINT HILAIRE, 2002, p.147). Nesta viagem, Saint Hilaire cruzou os territórios da Cisplatina descrevendo os costumes, os habitantes e o ambiente onde viviam. Era política do governo imperial português ir ocupando as terras ao sul de Laguna desde final Séc. XVIII, e a partir da instalação dos grupamentos militares e equipes de expedição armando postos de guarda, iniciava-se o povoamento da região. Desta maneira, chegaram até às margens do Rio da Prata. Do mesmo modo, a expansão para oeste, rumo à Foz de Iguazu, determinou o estabelecimento de novos limites territoriais e o controle das fronteiras, que ocorria com a estratégia de povoamento nas zonas limítrofes, nas margens do Rio Uruguai e Paraná. As fronteiras foram sendo definidas e redefinidas, sofrendo poucas alterações nos anos vindouros, assim, as divisas entre os estados nacionais Brasil, Argentina e Uruguai foram acordadas considerando-se a ocupação territorial e o povoamento<sup>2</sup> já existentes, sobre as quais se estabeleceram linhas imaginárias que, então, passaram a indicar os limites geopolíticos entre os países.

O deslocamento de luso-brasileiros para terras no norte Uruguai foi ocorrendo desde a saída dos portugueses de Colônia do Sacramento, quando essa foi entregue ao império espanhol em troca das Missões, fundadas na região oeste do Rio Grande do Sul. Esta ocupação se intensificou na metade do séc. XIX com criação de gado para abastecer as charqueadas localizadas em municípios das zonas de fronteira do sul do Brasil e, mais tarde, essas práticas agropastoris foram se expandindo com o cultivo de lavouras de arroz e soja. Por consequência, houve um aumento do contingente de brasileiros no norte uruguai, o que levou à fixação de brasileiros nas terras dessa região e o domínio do português como a língua mais falada nas comunidades rurais desde inícios do Século XIX. Soma-se a essas condições, a ausência de uma política de

povoamento do norte Uruguiaio, que foi alterada com a fundação de cidades em meados do século XIX e a instalação de escolas rurais ao longo da fronteira com Brasil, nos domínios econômicos dos brasileiros. O objetivo deste projeto educacional de alfabetização massiva no país foi a obrigatoriedade do espanhol como única língua de instrução escolar, impactando no domínio da língua portuguesa falada pela maioria da população local, falantes monolíngues de “brasileiro”. É, neste sentido, que o projeto de educação da era José Pedro Varela resultou em uma eficiente política linguística de nacionalização da região, ao que o Estado uruguiaio chamou de “orientalização” do Norte.

Palermo (2019), ao abordar a ocupação brasileira nessa região e seu domínio na economia e na dinâmica da vida na fronteira, apresenta a língua como um dos elementos principais para o longo tempo de dominação e de poder dos fazendeiros que viviam no que ele chama “*terra brasiliensis*”, além de fazerem parte de uma rede de negócio ilegal de escravos a serviço de fazendeiros na zona de fronteira, com a prática de cruzá-los para lado brasileiro (libertos no Uruguai), quando eram capturados e vendidos para outras regiões do Brasil. A realidade da região, em razão do domínio dos brasileiros na economia e do uso generalizado da língua portuguesa, foi descrita por Varela em 1876:

[...] nuestra luchas civiles hayamos visto a los partidos orientales necesitando del concurso de jefes brasileños para poner en movimiento a fuertes divisiones del Norte de la República, compuesta en realidad, no de orientales, sino de brasileños, que aún, cuando hayan nacido en nuestro territorio, conservan el idioma, las costumbres y el amor a la patria de sus padres, que es la suya también, aunque no hayan nacido en ella, ya que para conservarles la nacionalidad, han ido a bautizarlos en las parroquias brasileñas de la frontera .(PALERMO, 2019, p.23).

No entanto, o efeito da política linguística de alfabetização obrigatória em espanhol levou, anos mais tarde, que se instituísse um sistema diglósico, definindo o comportamento linguístico dos falantes no qual o “fronterizo” ou “brasileiro” funciona como a língua do âmbito

familiar e das práticas cotidianas e, o espanhol, como a língua das práticas sociais formais. Uma das decorrências desse sistema levou ao surgimento de um estigma em relação aos falantes de “brasileiro”, marcando a sua procedência, geralmente, oriundos de comunidades mais rurais e da periferia urbana, reconhecidos por um “mal falar o português”. Fabián Severo, escrito uruguaio, descreve o estigma que se instalou na sociedade fronteiriça em relação aos falantes de “Portunhol”:

Yo nací na cidade de Artigas. Mi familia, mis vecino y mis amigo, falan misturando las palabra del portugués y el español. El portuñol es mi língua materna. Cuando yo istava na barriga de mi madre, ya iscutaba el mundo intreverado. Despós, na época que hice la iscuela, me quiseron hacer creer que los que hablábamo misturado éramos pobre, sucios, burros. (FABIÁN SEVERO, 2015).

O “Fronterizo”, nome que RONA (1965) adota para o que identifica como um dialeto do português é, segundo ele, aquele dado pelos falantes, pois em alguns casos a única língua falada nas comunidades no interior da região norte do Uruguai, pois o pesquisador se depara com casos de falantes monolíngues de “Fronterizo”. Tal nome tem uma significação importante por estar relacionado ao aspecto diatópico, pois remete à região limítrofe com o Brasil e por si, diferencia os que vivem e habitam essa fronteira. RONA (1965) iniciou sua pesquisa com a hipótese de que tal variedade era um espanhol com influência do português, no entanto, logo concluiu que, na verdade, tratava-se do que ele classificou como um “Dialecto” de base portuguesa. Na perspectiva dos falantes, o “Brasileiro”; “o Fronterizo” e o “Portunhol”. Ele ainda afirma que a variedade do português que é a base desse “Dialecto Fronterizo”, era a mesma usada pelos falantes da região sul do Rio Grande do Sul, com traços da fala de quem vive no meio rural e que tem pouca instrução.

Nos últimos anos, o nome “Portunhol” vem sendo adotado como nome da língua por parte dos fronteiriços, em contraste com a caracterização e designações atribuídas pelos pesquisadores: Dialecto Fronterizo (RONA, 1965); Dialectos Portugueses del Uruguay (ELIZAINCÍN, BARRIOS & BEHARES, 1987); Portunhol

(HENSEY, 1972); Português do Uruguai (CARVALHO, 2003). O uso cada vez mais frequente do nome “Portunhol”, nos últimos tempos, reforça-se como símbolo de um movimento reivindicatório que requer o “Portunhol” como patrimônio cultural<sup>3</sup>, destacadamente marcada como língua do território, em um gesto político que busca marcar uma distinção com o Sul, ou seja, com Montevidéu, a capital.

Conforme González-Quevedo (1997):

La reivindicación lingüística se encuentra con frecuencia en los movimientos políticos que luchan por un reconocimiento legal de la identidad propia, en el sentido, ya mencionado de la lengua común es generalmente un elemento fundamental de afirmación del grupo étnico. Pero esta importancia de la lengua en las relaciones étnicas vemos que está llena de matices interesantes. Así, ocurre que difícilmente las fronteras lingüísticas coinciden con las de tipo político, más bien parece que ocurre lo contrario. (GONZÁLEZ-QUEVEDO, 1997, p. 227).

O Portunhol Uruguaio vai assim se estabelecendo como uma língua étnica e potencializa um movimento reivindicatório, apoiado nas diversas expressões culturais (música, arte, teatro, literatura) em que o Portunhol é a língua de veiculação das manifestações, como ato político de afirmação de uma identidade fronteiriça.

O espaço que abrange a chamada faixa de fronteira cabe dinâmicas variadas, aproximam-se línguas e culturas, embora nele haja muitas simbologias que indicam a presença do Estado-nação (aduanas, bandeiras, controles). Mas vida local produz suas formas de interação e integração, territorializando inclusive, as decisões mais adequadas para aquele espaço, para aqueles modos de “habitar a fronteira”. E a língua comum tomada pelo grupo, exerce uma coesão interna que impulsiona o ato político, especialmente, ao nomear e renomear a língua pelas identificações produzidas e seus efeitos entre aqueles que fazem parte desta comunidade fronteiriça. Palermo (2019) descreve a vida do que vivem na faixa da fronteira do Brasil com Uruguai como um lugar onde

se constituyen redes sociales, con acciones en la vida cotidiana (como los matrimonios o familias transfronterizas), con intercambios legales e ilegales (comercio y contrabando de ganados y esclavizados) formas socioculturales propias (ritos, fiestas, tradiciones) producto de la diversidad étnica y, un dialecto o formas de expresión singulares denominado *portuñol*. (PALERMO, 2019, p. 53).

## 2.2 Português de Missiones

Lemos (2020), na sua tese de doutorado, traz a seguinte passagem do Diário da “A viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina: documentos e leituras (2005):

Aquella zona estava se desnacionalizando. A moeda que ali corre é a argentina. A língua que se fala é uma mistura de português e castelhano, predominando o último elemento. Não havia escola, nem justiça, nem administração, nem organização política. Os filhos dos brasileiros, para não ficarem analfabetos, frequentavam a escola argentina de Barracon, onde aprendiam a cantar o hymno da nação amiga, como sendo o de sua pátria (COSTA, 1929, p. 48-49)

Em outro relato de viagem, na obra “Pela fronteira” (1903) de Domingos Nascimento, em que registra sua expedição de Curitiba à colônia militar de Foz do Iguaçu, Lemos (2020) recorta um dos relatos do viajante no qual ele descreve que:

Depois de alguns dias de sacrificio em pleno sertão, ouvindo a toda hora o patuá castelhano, misto de hespanhol e guarany, em terras brasileiras, observando costumes e physionomias extranhos aos nossos, ouvir de repente a nossa lingua falada por patricios inteligentes e instruidos, os contemplar com os nossos habitos e o nosso vestir, – não mais o chiripá, o cinto e o gorro vermelho – foi para nós um momento de calorosas expansões de alegría, alem de que abraçavamos velhos amigos de muitos annos, que mais de um anno se haviam abalado para o



interior, no cumprimento dos deveres de seus encargos (NASCIMENTO, 1903, p. 117).

Os dois fragmentos citados ilustram duas problemáticas em relação à fronteira no que tange ao seu aspecto geopolítico: o limite e a soberania sobre os territórios e a língua como referência de nacionalidade. O primeiro fragmento ilustra claramente a necessidade da presença da língua nacional oficialmente nas instituições como a escola e que tal condição é por si vista como necessária para sustentar a soberania sobre o território. A fronteira precisa ser sentida e vista como guardião do Estado. Esta noção do que é a fronteira coincide com ideia central de formação do estado-nação, herdada dos movimentos que deram origem à formação dos estados nacionais na América Latina, responde bem ao que Hobsbawm refere-se como sendo uma equação com a soma dos seguintes elementos: língua-território-soberania. O segundo fragmento apresenta a perspectiva de que a fronteira é esta travessia de pessoas e de línguas, pois o viajante observa o quanto não há controle, portanto, há a falta de uma regulação sobre o trânsito de pessoas para outro lado, o que colocaria em risco o vínculo com o nacional. Por último, neste caso, o registro mais significativo sobre a realidade linguística daquela região, que é o de uma realidade na qual não existem só falantes de português, espanhol e guarani, mas também pela existência de uma fala local, por ele descrita como uma mistura das línguas (identificava como patuá no segundo relato), provavelmente refere-se ao que hoje se conhece como “Yaporá”, uma língua de contato resultante da mescla entre guarani e o espanhol.

Esses registros possibilitam que se faça uma historicização da existência desde inícios do século XX de línguas de contato nas zonas de fronteira do Brasil com Argentina, tal como ocorreu na fronteira do Brasil com Uruguai no Século XIX. O contato entre grupos de falantes de português, espanhol e guarani, sobretudo, de grupos de brasileiros, deslocados do território nacional ou vivendo às margens dos limites territoriais, conforme os relatos desses viajantes, levou a, pelo menos, a que surgissem duas mesclas linguísticas provenientes do intenso contato entre essas línguas: português e espanhol; espanhol e guarani. Tais passagens mostram a fluidez com que ocorrem travessias de um lado e outro da fronteira. A situação linguística é observada pelos viajantes ainda como um risco à desnacionalização de quem vive

naquela região, dada a ausência do uso de uma variedade culta por parte dos habitantes, pois o viajante, registra sentir-se aliviado *ao ouvir de repente a nossa lingua falada por patricios inteligentes e instruídos.*

Um século depois, os pesquisadores dedicam-se a descrever e analisar as situações linguísticas nesta fronteira, tal como foram inicialmente observadas pelos viajantes. Em especial, apontam as consequências dos processos migratórios e de como eles contribuíram para o plurilinguismo naqueles territórios localizados ao longo da fronteira nordeste da Argentina, província de Misiones com o oeste dos três estados do sul do Brasil, ademais do português, espanhol e guarani, confirmando o registro dos viajantes em suas expedições para demarcar as fronteiras e instaurar ali a presença do estado brasileiro, com melhorias urbanas que auxiliassem no desenvolvimento daquelas zonas fronteiriças.

De acordo com CERNO (2019), pós final da guerra da Tríplice Aliança, a região de Misiones, fronteira com nordeste da Argentina, a partir final do Século XIX, foi sendo povoada com imigrantes tanto através de processos de colonização promovidos pelo Estado argentino como pela entrada de imigrantes brasileiros e de levas de imigrantes europeus com passagens pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Este conjunto de línguas levadas pelos imigrantes contribuiu decididamente para conformação de um contexto plurilíngue na região, que ainda se mantem, sobremaneira, pela presença e circulação do português, espanhol, alemão e guarani. No entanto,<sup>4</sup> o autor destaca que “... a lo largo del siglo XX, con la declinación progresiva de las lenguas de inmigración europea, el portugués (del Brasil) se constituyó en la lengua extranjera más hablada, centrándose su influencia en la franja oriental del territorio, a lo largo del límite con Brasil.” (CERNO, 2019, p.135).

Daviña (2020), em relação a esta influência, aponta dois momentos históricos, em relação ao português na região de Misiones:

- a) lengua primera de grupos criollos que participaban como obreros y trabajadores rurales con sus familias en los frentes extractivos de yerba y madera, o como peón rural en las nuevas colonias agrícolas, y, b) como lengua segunda de los mayores o

primera lengua de algunos hijos de la segunda generación de inmigrantes europeos - alemanes, suecos, polacos, italianos, etc.- que arribaron a Misiones como segundo destino. Y si bien este influjo se produjo en períodos históricos acotados, los movimientos de los grupos brasileños criollos oscilaron sensiblemente en el siglo XX. (DAVIÑA, 2020, p.215-216).

O cenário dessa fronteira é o do convívio de línguas nacionais com grande número de falantes e de significativa representação da nacionalidade para quem habita as zonas limítrofes, pois a língua costuma sinalizar onde termina e onde inicia cada país, embora haja uma zona de confluência, em especial, no entorno de uma conurbação ou pela existência de cidades gêmeas, intensificada pelas práticas do comércio e dos negócios. Nessa confluência e nessa divisão, encontram-se o espanhol, o português e o guarani, que colocam em jogo uma grande cena de interlocuções, nas quais as línguas funcionam para marcar o território, o vínculo de pertença ao grupo social e uma identidade cultural fronteiriça, caracterizada por seu plurilinguismo e por suas nacionalidades, ao mesmo tempo e todo tempo, nas bordas geopolíticas das nações. Essa zona de fronteira do Brasil com Argentina é um dos lugares mais plurilíngues do chamado Arco Sul<sup>5</sup>. Como destaca DAVIÑA (2020, p.9), “... estas lenguas ostentan polivalencias simbólicas a veces contrastantes en distintos puntos de articulación glotopolítica: valoraciones disímiles entre contextos inter-familiares o vecinales y aquellas imágenes oficiales de orden nacional o continental”.

Corroborar para a descrição dessa realidade, o que Cerno (2019) destaca na sua pesquisa sobre a situação linguística na região do Alto Uruguai, (Misiones, Argentina), quando descreve duas localidades onde há um contingente significativo de brasileiros vivendo em terras argentinas, formando núcleos familiares e comunitários nos quais o português predomina entre as línguas do lugar, exemplificando a situação em Piñalito Norte – que chama de “colônia” - pertencente ao município San Antonio (província de Misiones), frente a sua cidade gêmea brasileira Santo Antônio do Sudoeste (Paraná); e Itacaruaré, na altura de San Javier, cidade gêmea, do lado brasileiro com Porto Xavier.

A dinâmica da fronteira apontada por Leonardo Cerno (2019) revela a manutenção e a vitalidade do português enquanto uma variedade de português em territórios argentinos contíguos às zonas de fronteira com o Brasil, caracterizando assim o movimento transfronteiriço da língua portuguesa nessas regiões. Ele enfatiza que

En ambas colonias el paso de la frontera tiene principalmente el objetivo de adquirir mercaderías para el uso o el comercio, y también por situación de empleo fijo en aquel país. Los paseos y visitas a familiares son otro de los motivos por el cual se cruza la frontera. De hecho existe cierto número de matrimonios argentino-brasileños y de familias nucleares o colaterales separadas sólo por el límite nacional.” (CERNO, 2019, p.135).

As pesquisas sobre o português em comunidades situadas ao longo da fronteira na província de Misiones identificaram ainda comunidades nas quais praticamente existe um enclave brasileiro em terras argentinas como em “El soberbio”, predomina o uso do Português como a língua comum de toda comunidade. Em outras localidades que foram habitadas por brasileiros e/ou seus descendentes assim como por imigrantes europeus e/ou seus descendentes (com passagem pelo Brasil), além do português, ainda se fala italiano, alemão, russo, ucraniano, polonês, sueco. Porém, a situação linguística de maior interesse, de acordo com as descrições feitas por pesquisadores da região, é a do contato português-espanhol. Talvez, por esta razão, verifica-se uma falta de consenso na nomeação atribuída a este português: Português Misionero de Frontera (PMF) - (CARISSINI DA MAIA & MÉNDEZ, 2018); Português de Misiones (CARISSINI DA MAIA, 2020); Português Misionero (LIPSKI, 2017); Português de Frontera (CERNO, 2019); Portuñol (CAMBLONG, 2004).

A nomeação se alterna, por um lado, entre aquele nome que enfatiza a língua majoritária falada pelos imigrantes e seus descendentes, apropriando-se de um nome da língua por sua relação com a nacionalidade, ou seja, no Brasil se fala português, designa-a assim a língua por sua procedência, mas marca-se, por meio de uma forma nominal, uma referência ao território que, deste modo, especifica uma

variedade. Por outro lado, há aquele nome que os próprios falantes atribuem à sua língua, demonstrando uma percepção de que o português como língua predominante já não é o mesmo português dos seus antepassados e tão pouco é o português que tem contato ou pelos meios de comunicação brasileiros, ou através de suas relações interpessoais com familiares no Brasil, ou pelo contato favorecido pelo trânsito regular nas fronteiras, em especial, em razão das atividades comerciais. Os falantes identificam a língua por uma memória da sua identidade brasileira, chamando sua língua de “brasileiro” ou por uma nova identidade, representada no que os falantes nomeiam como “Portunhol”. Nesta direção, Carissini da Maia & Méndez (2018) analisam que

Antes de llegar a una aproximación del concepto “portuñol” es necesario aclarar que utilizamos la nomenclatura Portugués Misionero de Frontera, expresándola por medio de la sigla PMF, para referirnos a esta lengua. Por un lado, debido a que existen formas diferentes de nombrar a esta lengua – “portuñol”, “brasileiro”, “portugués de frontera”, entre las más utilizadas– y, por otro, teniendo en cuenta que Brasil ocupa una extensión muy amplia dentro de Sudamérica y limita con varios países hispanohablantes, lo cual origina así numerosas mixturas entre ambas lenguas – portugués/español– que adquieren características particulares en cada región, dependiendo de los contextos en los cuales se desarrollan. (CARISSINI DA MAIA & MÉNDEZ, 2018, p. 61).

As autoras trazem um panorama que aponta uma imprecisão em relação à designação atribuída pelos pesquisadores, evidentemente, afetada pelas posições teóricas das quais cada linguista abordou, mapeou, descreveu e analisou em relação ao português (sua variedade) nessa fronteira. No que tange ao modo de nomear dos falantes - neste caso nomear algo novo - que são as misturas português-espanhol levando em conta à sua extensão e à sua vitalidade nas localidades onde é a língua predominante das comunidades, caso do Portunhol.

### 3. Língua e território

Os deslocamentos de grupos de migrantes brasileiros para outro lado da fronteira em busca de oportunidades de trabalho e de desenvolvimento econômico, levou-os a ocupar as zonas de fronteira territorializando os espaços e constituindo comunidades. A vida em grupos, nas pequenas colônias ou em comunidades rurais, contribuiu para manutenção da língua e fortalecimento de uma identidade brasileira, como já mencionamos. De acordo com Apaolaza (1997):

Una lengua no es representativa ni pertenece a un territorio, sino al grupo humano que en ese momento o en otros que presentan a través de una lectura particular de la historia, ocupa y/o se presenta como portador de todos los derechos sobre el mismo. A su vez el territorio no presenta ninguna relación con una lengua, ésta no es un elemento componente de su definición sino es a través de la definición del territorio como espacio cualitativo, siendo la lengua una de las características usadas en esta definición. (APAOLAZA, 1997, p. 250).

O território no nome da língua, no caso do Português do Uruguai e Português de Misiones, significa a especificação dada pelos pesquisadores a uma variedade relacionada ao espaço transfronteiriço. Porém, a comunidade de falantes se reconhece e se define pelo seu autorreconhecimento enquanto brasileiros.

A relação língua e território fundamenta os processos de identificação dos falantes com uma cultura, uma memória. Punaren (1999), em sua pesquisa sobre atitudes linguísticas dos fronteiriços na fronteira Brasil – Uruguai, apresenta uma série de enunciados nos quais os falantes assumem claramente uma posição política na escolha da língua de turno no jogo das interlocuções e, sobretudo, o quanto falar essa língua significa marcar um lugar identitário e um ser no mundo: *fronterizo*. Entre os enunciados, destaca-se estes dois exemplos:

a) *Cuando hablo con mis amigos, con los vecinos, o mis padres yo les hablo en español y ellos me contestan en portugués y yo cambio el dialecto para que nos entendamos mejor.*

b) *Hablo portugués para destacar mejor mi región.*

No exemplo mencionado por Cerno (2019), na fronteira Brasil-Argentina, observa-se também como os falantes distribuem as línguas de acordo com os interlocutores, porque encontram-se em uma situação de “ser e estar entre línguas”, mesmo quando se sobressai seu reconhecimento como brasileiros.

a) Si se encontremo todo brasileiro falemo en brasileiro... más si tú estás falando y de repente alguien fala en castellano aí tem que mesclar un poco (Patricia da Luz, 64, Itacaruaré) (CERNO, 2019, p. 138).

b) Hay caso en que vos estás hablando en portugués y de repente seguís hablando en castellano. Como si nada. Y después estás hablando en castellano y empezás a hablar el portugués, esa mezcla (Liliana Radtke, 36, Andresito) (CERNO, 2019, p. 138).

Os falantes renomeiam a variedade pelos modos de fala (misturado), pela procedência (brasileiro/brasileño), por outra língua (Portunhol), não apenas por se constituir em uma variedade de português brasileiro, mas por sobressair-se uma relação com a língua muito mais pela identidade cultural que por um sentimento de pertença à nacionalidade brasileira. Esta dualidade, entre o que designa o pesquisador/linguista e as razões que levam os falantes a nomeá-la como Fronterizo/Brasileiro/brasileño/Portunhol relaciona-se ao autorreconhecimento como grupo social e cultural. Os aspectos diacríticos do nome dado pelos falantes sobrepõem-se aos aspectos diatópicos atribuídos pelos linguistas.

O português se mescla com o espanhol e os falantes a nomeiam de Portunhol. São os falantes que vão produzir um nome que se consolida como o novo, uma “nova língua” para estes habitantes das zonas de fronteira, nos dois casos: Português do Uruguai e Português de

Misiones. “Portunhol” remete a um amálgama que mescla duas línguas nacionais de alta representação oficial nos limites territoriais. Neste caso, a identidade dos grupos de falantes está na nomeação de uma prática linguística, que se reivindica como língua do território, em um empoderamento sobre o espaço: a fronteira. Os registros dos exemplos de Cerno (2019) mostra que a mescla, nomeada de Portunhol significa o território.

a) “Nosotro aprendimo alemán por los padres, porque ellos son antes, vinieron de Europa y ahí... y allá aprendimo el brasilero, el portugués, y hablo el castellano, todo medio mezclado, porque estamos acá en la frontera. (Ralf Kramer, 71, Piñalito)” (CERNO,2019, p.146).

b) pero se mezcla, por eso le digo, se mezcla, depende del ambiente de gente que sea, por ahí alguno le va a salir hablar en brasilero, se mezcla es muy variable (Daniel Fedoruk, 32, Itacaruaré) (CERNO,2019, p.145)

c) Pero aquí é una frontera e tudo o mundo fala eh... saben castellano mas falam brasilero aquí (Patricia Da Luz, 62, Itacaruaré) (CERNO,2019, p.146).

Ao estabelecermos uma linha do tempo, historicizando os processos históricos e políticos das travessias além fronteira, que estes grupos de brasileiros fizeram para dentro de terras argentinas e uruguaias, é possível elencar coincidências que podem auxiliar na interpretação sobre como uma língua é então uma língua de fronteira e não mais uma língua nacional. Outro exemplo, recortado de uma entrevista do trabalho de pesquisa de Carissini da Maia & Méndez (2018, p. 65), aparecem outras nomeações como: *argentino, brasileiro, casteiano (castelhano)*. “Marta: Mas o menos, muchas cosas yo ni entiendo... porque argentino es una cosa e brasilero es otra. Como yo trabajé de empleada con la diretora muchas cosas aprendí despois. As veiz mi pidia algo em casteiano i yo no entendia...o nome “das coisa”, como “serten”.

Os fronteiriços se apropriam da língua comum para afirmar sua diferença em relação às línguas nacionais hegemônicas que tão



fortemente estão presentes nas zonas de fronteira. Dentro do território argentino, essas comunidades de falantes (brasileira) dividem os espaços com outras comunidades (de imigrantes e indígenas), assim se configura uma situação de plurilinguismo que caracteriza também os modos ser e estar nessa fronteira. Neste processo de dar nome à língua, os exemplos recortados de entrevistas realizadas pelos pesquisadores revelam que os falantes recorrem a outras nomeações associadas a uma identidade nacional: brasileiro, argentino, uruguaio. E por uma memória de nomeações, os falantes descendentes de imigrantes brasileiros, ao se referirem ao espanhol, utilizam “castelhano” o “casteiano”

Charroux, quando aborda sobre o ato de nomear uma língua, refere-se a dois aspectos: sua relação com o grupo étnico, o que chama *etnônimo* e o da identificação com a língua, o *glotônimo*. Ambas são nomeações que podem ser atribuídas pelos membros do grupo ou pelos externos ao grupo. Deste modo, tanto no caso do Português do Uruguai como do Português de Misiones, há duas possibilidades, não excludentes: o Português é um *glotônimo*, para a língua de fronteira; e o brasileiro/brasileño, é um *etnônimo*, ao remeter à identidade do grupo, sua procedência. No caso de Fronterizo ou de Frontera, poderia ser um nome relacionado ao *topos*, um *glototopônimo* que significa não apenas o espaço mas a relação da língua com o território, enquanto espaço social, cultural e politicamente ocupado.

Neste sentido, cabe lembrar o que Rancière afirma: “Há história porque os seres falantes estão reunidos e divididos pelos nomes, porque eles se nomeiam a si mesmos e nomeiam os outros por nomes que não têm “a menor relação” com os conjuntos de propriedades. (RANCIÈRE, 1994, p. 43).

Em relação ao ato de nomeação de uma língua ou um fenômeno linguístico, Barrios (2014) analisa que:

La denominación de una variedad en situaciones de contacto adquiere particular relevancia porque involucra contiendas de adscripción; puede destacar el vínculo con una lengua de base (como “portugués uruguayo” o “dialectos portugueses del Uruguay”), su condición de mezcla entre las lenguas en contacto (como “portuñol”) o ser relativamente independiente en ambos sentidos (como “dialecto fronterizo” o “fronterizo”).

Puede adecuarse al estatus lingüístico que le asignan los investigadores o a las experiencias comunitarias, pero siempre contribuye a la conformación de representaciones y actitudes lingüísticas. (BARRIOS, 2014, p.77).

Ao analisar este conjunto de nomes atribuídos às línguas e, por associação, aos seus falantes, é necessário separar as nomeações atribuídas pelos pesquisadores (linguistas) e das que são dadas pelos próprios falantes. Os pesquisadores evidentemente as designam afetados pelos seus lugares teóricos, inscritos em alguma perspectiva de abordagem que têm efeitos sobre o ato de designar. Já o falante, usa outros critérios para escolha do nome, apoia-se nas experiências do seu ambiente, da sua comunidade, das suas experiências compartilhadas socialmente. Em síntese, para ambos casos Português do Uruguai e Português de Misiones, são as nomeações dos falantes, em território uruguaio ou em território argentino, que apresentam uma regularidade no princípio da nomeação, remete ao processo, à mistura das línguas.

a) Designações atribuídas pelos pesquisadores:

<b>Fronteira Brasil – Uruguai</b>	<b>Fronteira Brasil – Argentina</b>
Dialecto Fronterizo	Dialecto Fronterizo Misionero
Dialectos Portugueses del Uruguay	Português Misionero de Frontera
Português do Uruguai	Português de Misiones
Portunhol	Portunhol

b) Nomeações atribuídas pelos falantes<sup>6</sup>:

<b>Fronteira Brasil - Uruguai</b>	<b>Fronteira Brasil - Argentina</b>
Fronterizo	Fronterizo
Brasileiro	Brasileiro/Brasileño
Portunhol	Portunhol

## Considerações Finais

Ao designar as variedades do Português brasileiro fora do seu território nacional, os pesquisadores as descrevem e as identificam como outras variedades, que se caracterizam pelos contatos, interferências e misturas que o transformaram. A especificação do lugar no nome da variedade destaca o território de ocupação desses imigrantes brasileiros: Uruguai, Misiones. Predomina, então, o território no nome da língua. No entanto, os fronteiriços em suas comunidades de fala se reconhecem como grupo étnico, sua cultura, suas memórias do Brasil, referem-se desse modo a uma identidade pela relação com a língua comum do grupo, o português brasileiro. Em contrapartida, distanciam-se também do seu lugar de pertença, ou seja, de sua nacionalidade, pois a vida nos tempos atuais está permeada pela relação com outra língua nacional em concomitância com sua língua materna ou com uma língua de seus antepassados, como no caso descendentes de imigrantes europeus.

A existência e a identificação de variedades do português, além de suas fronteiras geopolíticas e o aparecimento de línguas de contato como “fronterizo”, “brasileiro” ou “portunhol” traz para o centro do debate, a questão político-linguística do que é uma língua de fronteira e de que forma o cenário no qual elas são protagonistas levam à ruptura com o nacionalismo dos estados, recorrentemente reforçado e controlado, quando se trata das fronteiras geopolíticas na América do Sul. O plurilinguismo emerge como resultado das travessias das línguas e sobre os contatos entre um conjunto de línguas, além do português e do espanhol nas zonas de fronteira: o guarani, o alemão, o italiano, o polonês, entre outras.

Ainda que os pesquisadores, dos seus lugares teóricos, nas suas razões históricas e políticas, designem novas variedades do Português pela sua relação com o território para além das fronteiras, essas variedades encontram-se em situação de língua minoritária, de comunidades pequenas e rurais, o seu uso se restringe às relações comunitárias e familiares. Em outra situação, o uso de uma língua que resulta do contato entre estes falantes fronteiriços (brasileiros, argentinos e uruguaios) favorece a fluidez das relações sociais e produz uma dinâmica muito evidente, nos exemplos mencionados no texto (recortes de enunciados dos falantes), revelada e significada

politicamente nos modos de nomear e/ou renomear as línguas. Em jogo está a relação nacionalidade e identidade

Para concluir: o poema do “Lingua Mae”, escrito em “Portunhol”, ilustra o sentido político que é falar na língua do território, como expressão simbólica do que significa ser fronteiriço:

*Neste mundo tan yeio de imposición  
Fueron pasando los año  
Y eu miorei meu español  
Mas nunca perdí las gana  
De gritar por rebelión/Insistiendo por u recreio  
Pa' abraza meu portunhol.*

### **Referências Bibliográficas:**

APALOAZA, Txemi. Lengua y Territorio. In: **As línguas e as identidades**. Ensaíos de etnografía e de interpretación antropolóxica. Xaquín R, Campos (org.) Universidade de Santiago de Compostela, 1997.

BARRIOS, Graciela. La denominación de variedades lingüísticas en situaciones de contacto: dialecto fronterizo, DPU, portugués uruguayo, portugués fronterizo o portuñol. En: Y. Hipperdinger (comp.), **Lenguas: conceptos y contactos**, Bahía Blanca, EdiUNS (Editorial de la Universidad Nacional del Sur), 77-105, 2014.

CAMBLONG, Ana. Habitar la frontera, un viaje perpetuo a lo paradójico. Lima-Peru. In: **Congreso latinoamericano de educación intercultural bilingüe**, 5., 6 a 9 de agosto de 2002, Lima/Peru.

CARISSINI DA MAIA & MÉNDEZ. Historia, entramados y cruces de la cultura fronteriza: efectos en los discursos In **La Rivada**. Enero-Julio de 2018, vol. 6, no. 10, 2018.

CARVALHO, Ana Maria. Rumo a uma definição do português uruguaio. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI)**, 1(2), 125-149, 2003.

CERNO, Leonardo. Portugués, español, alemán y brasilero. Lenguas y variedades en contacto en el alto uruguay (misiones, argentina). **Avá. Revista de Antropología**, vol. 34, pp. 131-153, 2019.

- CHAMOREAU, Claudine. **La pluridenominación de una lengua: un juego de doble reflejo.** Un acercamiento a la lengua de Michocán o Juchari Anpau o Tarasco o Purepecha. 4 de julho, 2008.
- DAVIÑA, Liliana Silvia, WINTONIUK, Marcela, DI IORIO, Alejandro. Políticas lingüísticas: categorías e intervenciones sobre las lenguas mayores de la región (español-guaraní-portugués). Apresentação La Rivada. Enero-julio, 2020. V.8, n.14, p.8-14
- ELIZAINCÍN, A., BARRIOS, G. & BEHARES, L. (1987). **Nos falemo brasileiro.** Dialectos Portugueses en Uruguay. Montevideo: Amesur.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento.** Campinas: Ed. Pontes, 2002.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO. Identidad étnica y Lengua minorizada In **As línguas e as identidades. Ensaio de etnografia e de interpretação antropológica.** Xaquín R, Campos (org.) Universidade de Santiago de Compostela, 1997.
- HENSEY, F. **The Sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan Border.** Den Haag, Mouton, 1972.
- LEMO, Marilene & RAGIEVICZ, Matheus França. Patuá, Hespagnol e Guarany: da Fronteira da Língua ao Limiar do Discurso. **Confluência.** Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 59, p. 313-326, jul.-dez, 2020.
- LIPSKI, John. Portuguese or Portuñol? Language contact in Misiones, Argentina. **Journal of Linguistic Geography** 4, 47–64. © Cambridge University Press, 2017.
- PALERMO, Eduardo. **Terra Brasiliensis.** La región histórica del norte uruguayo en la segunda mitad del siglo XIX – 1850-1900. Porto Alegre: FCM, 2019.
- PUNAREN, Pasi. **Las actitudes lingüísticas y el prestigio del portuñol en la ciudad de Rivera.** Finlândia, Universidade de Helsinki, 1999.
- RANCIÈRE, Jacques. **Os Nomes da História. Um ensaio de poética do saber.** São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.
- RONA, J. P. **El dialecto “fronterizo” del Norte del Uruguay.** Montevideo: Adolfo Linardi editor. 1965.
- SAINT HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** 4ª edição, Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2002.

SEVERO, F. Discurso de Fabián Severo pronunciado en la mesa de apertura del 16º Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol. **Blog español do Brasil**, 2015. Disponível em <https://bit.ly/2ZXb98L>.  
STURZA, Eliana. Fronteiras e Práticas Linguísticas: um olhar sobre o Portunhol. In: **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**. RILI, volume I (3) Madri: editorial Vervuert. p.151-160, 2004.  
STURZA, Eliana. Portunhol: língua, história e política. **Revista Gragoatá**. Niterói, V24, n.48, p.95-116, jan-abril, 2019.

## Notas

---

\* É doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

<sup>1</sup> Publicada em francês em 1887. Tradução realizada por Adroaldo Mesquita Costa e parcialmente publicada em 1922 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. A edição completa somente foi publicada em 1987.

<sup>2</sup> Chamado *Uti Possidetis*, reconhece o direito à posse do território onde já há ocupação. No caso da fronteira com a Argentina, a existência de uma divisa natural como Rio Uruguai e Rio Paraná foi um elemento decisivo para definir os limites.

<sup>3</sup> Movimento de reivindicação do Portunhol como Patrimônio Cultural junto à UNESCO tem origem nas cidades localizadas no norte Uruguio, divisa com o Brasil, através do movimento cultural chamado *Jodido Bushishe*, em 2015.

<sup>4</sup> Os exemplos mencionados ao longo do texto são registros feitos nas pesquisas referidas na bibliografia.

<sup>5</sup> Classificação que agrupa os grandes arcos de abrangência das zonas de fronteira no Brasil com os países com os quais faz fronteira, proposto no estudo coordenado por Lia Osório Machado.

<sup>6</sup> Registra-se que há outras nomeações menos recorrentes, em geral, relativas à situação de contato: misturado, mescla, entreverado.